2012, o futuro visto por 5 sábios

Descrê-se dos políticos, duvida-se dos governos e desconfia-se das instituições. Todos estão de acordo acerca da gravidade da situação, muitos estão indignados, mas poucos arriscam soluções. Uma revolução? Guerra? Novos modelos de democracia? Numa altura em que as perguntas são mais do que as respostas, consultámos cinco portugueses cujas idades, somadas, acumulam 378 anos de sabedoria. As inquietações, os diagnósticos e as propostas de Adriano Moreira, José Barata-Moura, Boaventura Sousa Santos, Eduardo Lourenço e Ana Vicente sobre cinco grandes questões que abalam o Ocidente

POR **ISABEL NERY** TEXTO **HELDER OLIVEIRA/WHO** ILUSTRAÇÃO

1 FOI O EXCESSO DE LIBERISMO ECONÓMICO QUE PROVOCOU A CRISE?

Adriano Moreira é cirúrgico no diagnóstico: «O credo no mercado é que fez isto. Colocaram o preço das coisas no lugar do valor das coisas e esqueceram-se de acrescentar a sabedoria à sociedade de informação. Houve modificações que substituíram os valores estruturantes das sociedades civis ocidentais.»

Embora recuse o discurso da crise como uma fatalidade histórica, **Barata-Moura** admite que encontra repetição de erros na atual conjuntura. «Há traços fundamentais ligados ao capitalismo que se mantêm, como o crédito e a especulação bolsista. Houve uma financeirização da economia e converteu-se a dívida pública em dívida privada. O que estamos a sofrer é a aplicação cega do receituário liberalista.» De tal forma que «isto está mau, mesmo para os capitalistas».

O problema é, nas palavras de **Boaventura Sousa Santos**, estrutural, de um sistema predador. «Estamos perante um fascismo social que nos encaminha para o suicídio lento. O capitalismo financeiro não tolera economias com distribuição social. Toda a relação tem de ser mercantil. Mas o Estado serve para criar interações não mercantis entre as pessoas e o neoliberalismo fez com que todas as empresas, fossem públicas ou privadas, funcionassem como privadas. O mercado é um garante de liberdade, mas não de igualdade.»

O resultado é o aprofundar do fosso entre ricos e pobres, embora não faltem estudos a demonstrar como a distribuição de riqueza beneficia, antes de mais, os próprios endinheirados. **José Barata-Moura** nota que a crise «começou por ser um problema financeiro, mas já está a afetar o tecido produtivo real da economia». E recusa a ideia de inevitabilidade: «Na lógica do capitalismo, as crises servem para limpar, mas, neste momento, o risco da doutrina capitalista está a ser transferido para quem trabalha. Querem-nos impingir o mundo como uma coisa fatalista e é-nos sugerido como caminho a repetição das receitas do liberalismo económico.»

A terminar a primeira tradução direta para português de *O Capital*, de Karl Marx, cujo primeiro volume foi publicado em 1867, Barata-Moura observa que os escritos do filósofo alemão ganham novas leituras à luz dos acontecimentos atuais, embora rejeite interpretações que busquem receitas. «Pense-se o que se pensar do capitalismo, é pacífico perceber que Marx ajuda a compreender do que se trata. O capitalismo é mais complexo do que se diz e os textos de Marx são um contributo muito poderoso para a perceção dos problemas.»

O professor de filosofia não está sozinho no regresso aos clássicos. «Marx não morreu assim tanto», conclui mesmo Adriano Moreira, numa observação secundada por **Eduardo Lourenço**. «Pensou que a América seria o sítio onde o socialismo teria mais chance. A América tem de se pôr essa questão 150 anos depois. Marx talvez não esteja morto.»

Abalada a visão de que só por si o capitalismo resolveria tudo, Eduardo Lourenço defende a aplicação de um sentido mais ►

LIS
LIBERAIKÓS
OIKONOM
BASTA !!!
FUTURO
DEMO

GONÇALO ROSA DA SILVA

Boaventura Sousa Santos

70 ANOS

Diretor do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, passa parte do ano a ensinar nos EUA. Conseguiu um orçamento raro em Portugal (2,4 milhões de euros), atribuído pelo Conselho Europeu de Investigação para a realização de um estudo, *Alice – Espelhos, Estantes e Lições*, que pretende pôr a Europa a aprender com as experiências de outros continentes. Professor catedrático de sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, fez o doutoramento em Sociologia do Direito pela Yale University, com um trabalho sobre uma favela do Rio de Janeiro. Portugal, Brasil, Colômbia, Moçambique, África do Sul e Índia são países onde tem desenvolvido as suas investigações.

«O mercado é garante de liberdade, mas não de igualdade»

«Haverá perturbações civis, nos próximos meses»

«Temos formado conformistas incompetentes e precisamos de rebeldes competentes»

MARCOS BORGA

► crítico. «Os Estados, tal como existiram até ao fim da Segunda Guerra Mundial, estão em crise, porque os verdadeiros poderes não são de ordem política. São poderes ocultos do sistema capitalista. Não têm rosto. Com o avanço tecnológico permitido pela ciência, o mundo tornou-se uma aldeia global, mas os problemas são os mesmos de sempre. Continua a haver os que dominam e os outros, numa espécie de máquina infernal.»

Depois da grande crise de 1929, «o mundo viveu sob referências quase míticas». Mas também elas conheceram os seus limites: «O sistema de confiança no progresso contínuo e no capitalismo capaz de encontrar soluções está abalado.»

As manifestações em Wall Street – símbolo da finança –, em troca da Casa Branca – símbolo do poder político – representam vontade de mudança, embora se desconheça ainda em que sentido. **Ana Vicente** evoca a máxima de Olof Palme, o político social-democrata sueco, primeiro-ministro entre 1982 e 1986, que defendia a conciliação da economia de mercado com o Estado social: «Não queremos acabar com os ricos, queremos é acabar com os pobres.»

2 CORREMOS RISCO DE GUERRA?

Se alguma verdade histórica se repete é a do recurso à guerra quando a insatisfação é generalizada e o poder político incapaz de resolver os problemas. **Adriano Moreira** lembra como já em 1980 o Relatório Willy Brandt, que propunha a redução das diferenças entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento, falava de duas ameaças equivalentes: o armamento atómico e a diferença entre ricos e pobres. «A fronteira da pobreza já atravessou o Mediterrâneo e atingiu os países europeus.»

O estudioso das Relações Internacionais não esconde os seus piores receios: «Houve um período em que a ordem mundial esteve definida, mas agora há falta de lideranças e o G 20 parece mais G 2 mais 18», lamenta, em referência ao eixo franco-alemão, que lidera, sem ter o poder de facto. «O que está em decadência chama-se

LEIRIA A 12 de março de 2011, milhares de pessoas manifestaram-se em dezenas de cidades portuguesas. precariedade no emprego foi um dos principais motivos

Eduardo Lourenço

88 ANOS

Ensaísta, por muitos considerado o mais importante de língua portuguesa, filósofo e pensador, com uma vasta obra em diversos domínios, designadamente sobre Portugal, a Europa e Fernando Pessoa. A sua *Obra Completa* começou agora a ser editada pela Fundação Calouste Gulbenkian, ao mesmo tempo que está a ser trabalhado, também para publicação, um precioso «acervo» de inéditos, sobre variadas matérias, e que inclui um «diário». Professor universitário, primeiro em Coimbra, onde se licenciou, ensinou em várias universidades europeias e no Brasil, fixando-se depois na de Nice (e vivendo em Vence). Tem numerosas distinções, desde o Prémio Camões, o maior do nosso idioma, ao Prémio Pessoa, que lhe foi agora atribuído.

«Não saímos do século XIX em termos de alianças políticas»

«Se as manifestações de Indignados não fossem inconsequentes, o mundo já estava a arder»

«A Europa condicionou a civilização mundial e agora não tem liderança. Está paralisada. Os problemas refluíram para ela própria»

«se as manifestações de Indignados não fossem inconsequentes, o mundo já estaria a arder».

Criticando a deslocação dos poderes da União Europeia para a líder alemã, Angela Merkel, e para o Presidente francês, Nicolas Sarkozy, **Adriano Moreira** nota que «a crise é global e os únicos organismos responsáveis pelo globalismo – o Conselho Económico e Social e a Assembleia-Geral das Nações Unidas – ainda não foram chamados». Por isso, conclui, «assistimos ao G20, que não está previsto em nenhum tratado, a estabelecer diretivas e a permitir o nascimento de poderes de facto, como está a acontecer com Merkel e Sarkozy».

3 A DEMOCRACIA ESTÁ EM PERIGO?

Ocidente. A paz também está em perigo.» Ou, como observa **Eduardo Lourenço**: «Não saímos do século XIX em termos de alianças políticas. A Europa tinha problemas com os outros continentes, que agora refluíram para ela própria.»

Boaventura Sousa Santos espera que a recessão possa trazer mudança, mas está igualmente preocupado com o nível de incerteza. Ninguém sabe quanto tempo será necessário para restabelecer equilíbrios: «Precisamos de novos políticos. Os atuais estão a asfixiar-nos. Haverá perturbação civil, nos próximos meses», vaticina, numa inquietude partilhada por **Eduardo Lourenço**: «Depois de uma entrada eufórica no século XXI, nenhuma Cassandra de serviço imaginaria que chegaríamos a um período em que a palavra crise se transformava numa obsessão, insidiosa. Quase todas as referências estão postas em causa. A crise tornou-se uma espécie de *tsunami* social, civilizacional. É o centro do sistema, tudo ao mesmo tempo. Pode incendiar-se. É fácil.» Basta olhar para a História. A recessão de 1929 trouxe uma guerra mundial. Desta vez, «não há ameaça, não há adversário». Mas

Baseada no pressuposto de que é a livre escolha dos cidadãos a legitimar os governos, a democracia corre o risco de ser arrastada na torrente generalizada de protestos e descontentamentos. «Muita da situação atual vem da má governação. Os governos endividaram-se em nome da popularidade», critica **Ana Vicente**, para quem «a democracia também precisa de ser reinventada, no sentido da ética». Porque, sem ela, dificilmente se regressará à indispensável confiança, «base da relação entre a população e o seu Governo», como lembra **Adriano Moreira.**

Da Grécia diz-se que vem hoje a maior instabilidade, mas foi na Grécia que nasceu a base dos sistemas políticos adotados pelas sociedades ocidentais como os mais próximos do ideal. O que se exige em marchas como as dos Indignados é, em grande medida, o regresso à essência da *polis* grega, em que o bem público e a coletividade respondiam pela ideia de política. «O valor fundamental da democracia é a confiança e esta foi posta em causa em todo o Ocidente. Há uma distância entre o dito e o feito pelos po- ►

Ana Vicente

68 ANOS

Foi presidente da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, entre 1992 e 1996, adjunta da ex-primeira-ministra Maria de Lurdes Pintasilgo e de Leonor Beleza, ex-ministra da Saúde e atual presidente da Fundação Champalimaud. Ana Vicente é autora de 15 livros, muitos dos quais dedicados às temáticas de género, e membro do movimento Nós Somos Igreja, que defende o sacerdócio das mulheres. Consultora do fundo das Nações Unidas para a População, continua a investigar sobre Direitos das Mulheres e a defender maior participação da sociedade civil na resolução de problemas.

«Os governos endividaram-se para ser populares»

«Mais meia-hora de trabalho é uma visão utilitária e masculina do trabalho. E as crianças?»

«A democracia também precisa de ser reinventada, no sentido da ética»

LONDRES Os tumultos na capital britânica assustaram a Europa e impressionaram o mundo. Protesto ou criminalidade?

deres. A confiança é hoje um dos valores mais frágeis da União Europeia.»

Algumas das mudanças que provocam agora a contestação foram quase invisíveis, mas nem por isso neutras, como alerta **Adriano Moreira**. «O Estado social está em perigo e anda a ser substituído pela responsabilidade social das empresas. Admito que a filosofia do atual Governo é o orçamento inevitável, mas os governos são responsáveis pelo que programam e propõem aos eleitores, assim como pelos imprevistos no exercício do poder.»

Boaventura Sousa Santos teme pelo futuro de uma democracia que parece entregue à hegemonia financeira: «Os dirigentes não estão a obedecer aos cidadãos, mas sim aos mercados. Quem me está a dizer o que fazer é uma agência de *rating*, que ninguém elegeu para isso. Hoje, um banco vale quase tanto como um país. Chamo a isto fascismo social. No Maio de 68, os estudantes revoltaram-se contra os partidos e sindicatos que tinham atraiçoado a causa do socialismo, agora atraiçoaram a causa da democracia, o que é mais grave.» Uma herança pesada para as próximas gerações: «Se não houvesse políticas distributivas, o nosso nível de pobreza seria o da América Latina. Os jovens fizeram tudo o que lhes foi pedido. Tiraram cursos, mas não têm emprego e estão endividados. Não se querem associar a estes partidos. São precisas novas formas de organização.»

4 PARA QUE SERVE A INDIGNAÇÃO?

Aos 93 anos, o francês Stéphane Hessel inspirou indignados de todo o mundo. A palavra de ordem para a reação à crise veio deste herói da resistência e sobrevivente dos campos de concentração nazi, que deu ao seu opúsculo o título *Indignai-vos*.

Lembrando que a palavra economia vem do grego, *oikonomikós*, ou seja, a gestão do lar, realizada pelas mulheres, **Ana Vicente** nota que a versão feminina das revoltas exige prática: «E depois da indignação? Como transformá-la em mudança?» No mesmo sentido, **Barata-Moura** recorda que a indignação é «importante como despertador da passividade», mas deve ser «completada com debate e com a recuperação de um sentido sério da política».

Mais do que isso, questiona o verdadeiro efeito da indignação: «A economia não é só dinheiro, mas sim a forma como uma comunidade organiza a sua produção. Com os manifestantes em Wall Street tornou-se percetível o que a finança e o capitalismo se esforçam por esbater: a relação entre interesses económicos e determinação das políticas. A deslocação das reações para esses locais é um elemento interessante, novo. Mas também pode ser folclore porque

PODEROSOS **Barak Obama e Angela Merkel são os líderes mais poderosos de cada um dos lados do atlântico. Mas há emergentes, no G20, cada vez mais fortes**

permite levantar a tampa, de vez em quando, sem nunca haver explosão.»

Mesmo assim, **Barata-Moura** observa que «quando começa a apertar, muita gente acorda» e que «as alternativas de mudança estão por aí». Mas, adverte: «As questões difíceis não se resolvem sem o nosso concurso, numa movimentação social para a transformação, que depende de como cada um de nós interpreta o ofício de viver. Em rigor, estamos a fazer uma experiência dolorosa de escrever a História. É preciso passar da indignação à consolidação de uma força social que possa fundar caminhos.» Converter gritos de protesto em práticas novas, eis o desafio para o qual se desconhece desfecho. «Nenhuma revolução acontece de um momento para o outro. Pode ter um dia marcante, mas é um processo. Em rigor, estamos a fazer uma experiência dolorosa de escrever a História.» **Boaventura Sousa Santos** propõe mesmo uma mudança de paradigma: «Temos formado conformistas incompetentes e precisamos de rebeldes competentes.»

No turbilhão de números e gráficos que revelam os movimentos das bolsas, parece esquecida a noção básica de que «a economia são as pessoas», diz **Ana Vicente**. A ideia de servi-las melhor com meia hora de trabalho extra parece-lhe mais do mesmo, na soma de erros passados. «É uma visão utilitária e masculina do trabalho. E as crianças? Já estavam tempo de menos com a família. Investir nas crianças é investir para todos. Do que precisamos é de flexibilização, produção por objetivos, trabalho em casa.»

Um dos efeitos dessa visão alheada do feminino é a tendência para medir tudo, mesmo o não mensurável. «Estamos a pôr de lado tudo o que não se traduz em números. Isso é má governação. O simbólico também importa, sobretudo se for moralmente errado.»

Ana Vicente apelida o discurso da crise de «estéril» e encoraja uma visão mais universal, porque «a globalização tinha de ser também globalização da ética e foi, sobretudo, material.» Apesar de todas as queixas e aflições, a Europa está no clube dos privilegiados. «Vivemos num mundo que perde uma criança de 6 em 6 segundos devido à fome e onde todos os anos morre meio milhão de mulheres por estarem grávidas ou parirem, como se caíssem vários aviões cheios por dia. Ainda é na Europa que se vive melhor e que os Direitos Humanos são mais respeitados.»

5 POR ONDE PASSARÁ O FUTURO?

Boaventura Sousa Santos coordenará, durante cinco anos, uma equipa de estudiosos de todo o mundo para analisar formas de inovação social em países como a Índia, África do Sul, Equador ou Bolívia. O objetivo é conhecer o que se faz fora do ►

Adriano Moreira

89 ANOS

Transmontano, de famílias humildes, migrou para Lisboa, onde se revelaria um estudante de Direito brilhante. Embora seja uma voz respeitada em variados quadrantes políticos, o seu percurso ficou sempre marcado por ter sido subsecretário de Estado da Administração Ultramarina e ministro do Ultramar em governos de Salazar. Mas o ter ganho projeção e prestígio próprios, de par com as discordâncias quanto a alguns aspetos da política defendida pelo ditador em relação às ex-colónias, fez com que Salazar o afastasse, tendo estado no poder apenas entre 1961 e 1963.
Professor e investigador, em particular de Relações Internacionais, fundou e foi diretor do hoje Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP). Várias vezes deputado pelo CDS-PP, de que foi presidente, foi também, numa legislatura, vice-presidente da Assembleia da República. É o atual presidente da Academia das Ciências de Lisboa e continua a ter uma intensa atividade, mormente a escrever sobre os temas da sua especialidade.

«Colocaram o preço das coisas no lugar do valor das coisas e esqueceram-se de acrescentar a sabedoria à sociedade de informação»

«Marx não morreu assim tanto»

«A paz também está em perigo»

JOSÉ CARLOS CARVALHO

José Barata-Moura

63 ANOS

Mais conhecido do grande público como músico, com sucessos infantis como *Fungagá da Bicharada*, continua a ter pelas canções uma grande paixão. Mas foi à filosofia que dedicou toda a sua vida, com vários estudos publicados sobre as obras de Kant e Marx. Entre 1996 e 2000, foi presidente da Sociedade Internacional para a Filosofia Dialética, área a que se dedica grande parte do seu trabalho publicado. Militante do Partido Comunista Português, aceitou ser mandatário nacional da candidatura presidencial de Francisco Lopes, em 2011. Foi reitor da Universidade de Lisboa, onde continua a ser professor catedrático. Em 2012, publicará a primeira tradução direta para português de *O Capital*, de Karl Marx.

«O que estamos a sofrer é a aplicação cega do receituário liberalista»

«A indignação precisa de ser completada com debate e com a recuperação de um sentido sério da política»

«Nenhuma revolução se faz de um momento para o outro. É um processo»

LUIS BARRA

MANOBRAS DA NATO **A diferença entre ricos e pobres pode ser um detonador de guerras. A Aliança Atlântica está presente em vários cenários críticos**

► Velho Continente, porque o investigador acredita ter chegado a altura de questionar as perspetivas eurocêntricas e «deixar a Europa aprender com o mundo».

Eduardo Lourenço admite que o Velho Continente se tornou vítima da sua própria riqueza: «Alguns milionários vieram dizer que um pequeno remédio seria pagarem mais. Nunca se tinha ouvido tal coisa. Achei essas declarações fantásticas. Fez-me lembrar a Revolução Francesa, quando os aristocratas resolveram abdicar de parte dos seus privilégios. Nenhum milionário é dono do seu dinheiro, no sentido social do termo. Um milionário tem a capacidade de agir e modificar.»

Se, antes, «os problemas eram com outros continentes», atualmente «refluíram para a Europa», embora esta não tenha perdido ainda a visão messiânica. «Andou sempre à procura de uma solução ideal, de um igualitarismo. A Europa condicionou a civilização mundial e agora não tem liderança. Está paralisada.»

Não será a primeira vez que o Ocidente enfrenta um desafio tão penoso, mas, alerta **Adriano Moreira**, é certamente um dos mais difíceis: «O futuro está sujeito a uma hipercomplexidade, devido ao número exponencial de fatores e interdependências dos problemas.» Em parte, porque «houve modificações que substituíram os valores estruturantes das sociedades civis ocidentais e desorganizaram as comunidades». Mesmo assim, o politólogo aconselha Portugal a pensar em soluções que passem pela Europa e pela Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

Boaventura Sousa Santos aponta o Brasil como bom exemplo de «crescimento com distribuição social» e defende que a resposta terá de passar por soluções democráticas e ambientalistas: «Mais solidariedade, outro modelo de consumo, políticas ambientais mais agressivas e formas de capitalismo solidário.»

Em suma, uma outra relação com o material, que não esgote o planeta nem as pessoas. «São precisas novas formas de organização, que valorizem o trabalho e permitam viver bem fora da lógica do consumo, porque a abundância material não é a fonte exclusiva de bem-estar.» Sejam quais forem os caminhos escolhidos, impõe-se a «necessidade de uma banca ética».

Ana Vicente propõe a busca de caminhos com «um novo enquadramento de valores na política, que passe por moralizar os impostos e as benesses excessivas nas empresas públicas». Soluções dependentes de uma opinião pública forte, como também advoga **Barata-Moura**. «Fala-se muito de credibilidade, mas era bom começarmos a perceber que a política não é uma questão de fé.»

Embora preocupado com a forma como «a modernidade alterou a nossa relação com o cosmos e com a natureza», **Eduardo Lourenço** tem esperança na descoberta de uma saída para este «túnel» e faz questão de salientar que, até hoje, os homens têm encontrado sempre uma resposta. «Não podemos abdicar desta ideia, senão entraríamos no caos.» Ou «voltamo-nos outra vez para Fátima». Mas isso seria «fácil de mais».